



A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM CLASSES HOSPITALARES.

Carolina Alves Tinée¹

Sandra Patrícia Ataíde²

RESUMO: São vários os espaços de atuação do pedagogo nos dias atuais e um deles é no hospital trabalhando no acompanhamento pedagógico de crianças e adolescentes em situação de internamento hospitalar. Esse artigo teve por objetivo investigar, através da pesquisa bibliográfica, as práticas dos pedagogos em classes hospitalares buscando verificar as naturezas e os tipos de mediações pedagógicas realizadas por esse profissional para favorecer o aprendizado da criança em classes hospitalares. Como resultados verificou-se que a mediação pedagógica existente nas classes hospitalares irá variar de acordo com a proposta pedagógica de cada uma, ora voltada para a escuta pedagógica como propões Fontes (2005), ora voltada para o processo de escolarização e continuidade dos estudos como observa Fonseca (1999).

Palavras-chaves: Classe Hospitalar, Mediação Pedagógica, Criança Hospitalizada.

Introdução e Justificativa

Quando falamos em educação, a primeira imagem que nos vem à mente é a da escola, com todos os seus lugares delimitados e cheios de regras. E ao pensarmos sobre a ideia de educação, nossa memória nos remete ao ato de ensinar, aos conteúdos escolares, às instruções, às avaliações. Essas concepções estão presentes em nosso consciente e inconsciente devido aos vários sentidos que atrelamos a esta palavra.

No entanto, em geral, o termo educação tem sido vinculado aos sentidos de construção do conhecimento técnico-científico, e à formação, desenvolvimento moral e físico do ser humano.

¹ Graduanda de Pedagogia – 2012.2 – Centro de Educação – UFPE – ctinee@gmail.com

² Profa. Dra. do Depto. de Psicologia do Centro de Educação – UFPE - tandaa@terra.com.br

É partindo destes princípios que se costuma valorizá-la apenas quando ela ocorre em espaços tomados tradicionalmente como designados para a função de instruir e ensinar, ou seja, a escola.

Segundo Brandão (2007, p. 10), “educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. Portanto, devemos considerar que ela não se restringe apenas a um espaço delimitado chamado de escola, mas que ela ocorre em toda parte em que há “redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modo de ensino formal e centralizado” (p. 13).

Brandão ainda aponta que assim como a educação independe de um espaço para acontecer, ela também não apresenta um modelo único e nem tão pouco uma única forma para acontecer, portanto, o ensino que ocorre na escola não é uma prática única e o professor também não é o único praticante do ato de ensinar.

O termo pedagogo deriva da palavra *pedagogia*. A pedagogia está associada ao ato de educar crianças, porém a que hoje conhecemos apresenta características básicas ligadas à infância, e só pudemos reconhecê-la assim por causa do surgimento do mundo moderno e da recente definição do ser criança, como também da noção de infância.

Tal qual a educação, a pedagogia não apresenta uma forma única de ser, e, de acordo com Ghiraldelli (2006, p. 16), “as diferenças internas da pedagogia [...] resultam da maneira como a filosofia moderna passou a depender da figura do sujeito e também como ela, contemporaneamente, veio a criticar e desconstruir essa noção”.

Portanto, partindo do pressuposto de que a educação está presente em toda parte e que a escola não é o único espaço para que ela aconteça, e de que a pedagogia traz consigo o cuidado com a criança, a atenção à infância e o olhar crítico sobre o processo educativo, pudemos então perceber que tem sido cada vez mais recorrente a ocupação dos pedagogos em espaços não escolares.

Um desses novos campos de atuação da pedagogia e de seus profissionais dá-se nos hospitais, em decorrência da necessidade de se atender crianças e jovens em período de escolarização que se encontram afastados do meio

acadêmico por motivo de internamento e tratamento hospitalar. Esta tão recente modalidade de atendimento educacional especializado atende pelo nome de Pedagogia Hospitalar e ela visa estabelecer os procedimentos necessários à educação de crianças e adolescentes hospitalizados.

Segundo Matos e Mugiatti (2009), este enfoque educativo e de aprendizagem surgiu da convicção de que a criança e o adolescente hospitalizados, em idade escolar, não devem interromper, sempre que possível, seu processo curricular, portanto, este atendimento cumpre a função de estimular a continuidade dos estudos para que estes estudantes não percam seus cursos e não se tornem repetentes, ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem, assim conseqüentemente, dificulte a recuperação de sua saúde.

A atuação do pedagogo em hospitais pode dar-se em diferentes espaços, como em brinquedotecas, nos ambulatórios, nos quartos, nas enfermarias e nas classes hospitalares. Neste estudo, o foco será o atendimento pedagógico às crianças e adolescentes hospitalizados prestados nas classes hospitalares que são, segundo o MEC – Secretaria de Educação Especial - SEESP (BRASIL, 2002, p. 15-16), ambientes planejados para favorecer o desenvolvimento e a construção do conhecimento para esses estudantes, no âmbito da educação básica, respeitando as capacidades e necessidades educacionais especiais de cada indivíduo. A SEESP assegura que todos os alunos com necessidades educacionais especiais têm direito a um atendimento educacional especializado podendo ser: não vinculado à causa orgânica específica ou relacionado a condições, disfunções, limitações ou deficiências, abrangendo dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, bem como altas habilidades/superdotação.

Sendo assim, com base na importância de se atender o aluno com necessidades educacionais especiais, em situação de internamento hospitalar, já observado pelo MEC, através da Secretaria de Educação Especial (SEESP), e pela LDB/96, esta pesquisa vem trazer como objeto de análise os estudos de Paula, 2007; e Campos, Gonçalves e Baptistela, 2009; buscando analisar as mediações que ocorrem entre o pedagogo hospitalar, o objeto de conhecimento e o escolar hospitalizado nas classes hospitalares dos estudos

citados, buscando responder o seguinte questionamento: quais os tipos e natureza das mediações que ocorrem entre o pedagogo hospitalar e o escolar hospitalizado, nas classes hospitalares, na relação com os objetos de conhecimento?

Esta forma de atendimento é de suma importância e relevância social, pois é por meio dele que se estará assegurando o direito de diversas crianças e adolescentes, que por uma situação adversa da vida, teve seu processo de escolarização interrompido. O acompanhamento pedagógico em classes hospitalares estará também contribuindo para uma redução das chances de fracasso escolar, de transtornos de desenvolvimento e para a ressignificação do espaço para a criança enferma, como aponta Fontes (2005).

Além disso, esse tão recente campo de ensino nos remete à questão da formação e qualificação do profissional atuante em classes hospitalares, constituindo, então, num desafio aos cursos de Pedagogia, que têm mantido seu foco na educação escolar, para que atentem para a gritante necessidade social de profissionais especializados e qualificados para o trabalho com crianças enfermas hospitalizadas frente ao direito tanto à saúde quanto à educação.

Assim, este projeto pretende contribuir com a reflexão acerca das práticas mediadoras que acontecem nas classes hospitalares frente à necessidade que se tem por parte da criança enferma hospitalizada, visando à compreensão dessas práticas para o processo de escolarização desse sujeito, pois, muitas são as literaturas que discutem sobre o papel do pedagogo hospitalar como aponta FONTES (2005) e a sua atuação na classe hospitalar como nos mostra MATOS e MUGIATTI (2009), MUNHÓZ e ORTIZ (2006); porém este projeto pretende abordar a importância das mediações realizadas entre o pedagogo e o escolar hospitalizado de modo a contribuir para se pensar no aprendizado da criança nas classes hospitalares.

Realizou-se um recorte temporal, entre os anos de 2000 a 2012, buscando obter literaturas mais atuais sobre a temática escolhida para análises da pesquisa, e também foram encontradas literaturas produzidas em Pernambuco, porém, a maioria das temáticas não atendiam as necessidades da pesquisa.

Os objetivos pretendidos foram: investigar, através da literatura levantada entre os anos de 2000 a 2012, as práticas dos pedagogos em classes hospitalares buscando verificar as naturezas e os tipos de mediações pedagógicas realizadas por esse profissional para favorecer o aprendizado da criança em classes hospitalares; identificar e caracterizar a prática do pedagogo atuante em classes hospitalares nos textos pesquisados; e analisar a natureza e os tipos de mediações pedagógicas realizadas pelo pedagogo hospitalar, em classes hospitalares nos textos pesquisados.

Pedagogia Hospitalar: a criança hospitalizada e o papel da educação no hospital

O cotidiano da criança e adolescente, muitas vezes, é alterado devido à condição de internamento ou em razão de tratamento de saúde. Essas alterações são sentidas pelas crianças e adolescentes quando se deparam com uma nova realidade, a condição de hospitalização. Neste momento, a criança começa a encarar situações e sentimentos antes não experimentados como mudanças na rotina, medicações, exames, intervenções médicas e/ou cirúrgicas, dores, indisposição, emoções e sentimentos como o medo, a angústia, a solidão.

Assim, por ter em sua vida uma mudança tão repentina é provável que a criança ao ter contato contínuo com o hospital sofra interferências em seu desenvolvimento de modo geral, social, afetivo e intelectual. E nesse contexto, essas crianças e jovens que foram afastados da rotina acadêmica e privados da convivência em comunidade, estão correndo o risco de fracasso escolar e de possíveis alterações de desenvolvimento. Portanto, eles necessitam não apenas de cuidados médicos, mas também de um acompanhamento pedagógico especializado.

São muitas as mudanças, tanto físicas como emocionais, e dentre estas mudanças, como apontam Munhóz e Ortiz (2006, p. 67), “a primeira refere-se à desestruturação do sistema biopsicossocial, seguida pela interrupção do processo de desenvolvimento intelectual, afetivo e da personalidade”, pois com o internamento hospitalar essas crianças são afastadas do convívio social.

Outra mudança impactante é o afastamento escolar, podendo ser temporário ou permanente, e implicará no distanciamento de seus colegas, professores e atividades recreativas. Essa mudança poderá causar dificuldades de aprendizagem, de convívio social e afetivo. Na tentativa de amenizar esses impactos é previsto um atendimento pedagógico educacional em hospitais, que é direito de todo indivíduo que está em condições especiais de saúde e internação.

A legislação, em nosso país, reconhece através do Estatuto da Criança e Adolescente Hospitalizado o “direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar” (BRASIL, 1995). Este estatuto surgiu em decorrência da preocupação da Sociedade Brasileira de Pediatria em listar uma série de necessidades de atenção à criança ou adolescente que requerem cuidados de saúde em condição de internação hospitalar (MUNHÓZ; ORTIZ, 2006, p. 69).

Nos dias atuais, em nossa sociedade, vemos crescer cada vez mais a necessidade que crianças, jovens e adultos têm, em diferentes contextos, da mediação de um profissional que os acompanhe nos processos amplos de aprendizagem, não só intelectual como também físico e emocional. Como afirma Fontes (2005, p. 21b), é por esses motivos que “os pedagogos precisam preparar-se para a diversidade de espaços que se oferecem ao seu trabalho”.

Antigamente, o trabalho do pedagogo era atrelado apenas à prática docente em escolas, porém, tem-se tornado cada vez mais evidente a necessidade da presença destes profissionais em outros espaços como parques, museus, bibliotecas, brinquedotecas, empresas e também nos hospitais. E para essas novas práticas, os pedagogos precisam estar qualificados e preparados.

O trabalho pedagógico realizado nos hospitais apresenta diversas formas de atuação e tem estado sob o olhar de diferentes observadores que tentam compreender, explicar e construir um modelo desse novo segmento educacional. A esse trabalho realizado em hospitais por profissionais de educação chamamos de *Pedagogia Hospitalar* – que é um trabalho especializado, amplo, que vai além da escolarização e visa levar a criança hospitalizada a compreender seu cotidiano hospitalar.

A pedagogia hospitalar apresenta várias formas de atuação, visto que o conhecimento pode contribuir para o bem-estar físico, psíquico e emocional da criança internada. “O hospital é, inclusive, segundo definição do Ministério da Saúde, um centro de educação.” (FONTES, 2005, p. 121a).

Desde o surgimento do processo de ensino-aprendizagem em espaço hospitalar, em nosso país, até os dias atuais passaram-se 63 anos e este campo de atuação do pedagogo ainda se encontra pouco conhecido. Quando ele surgiu no Hospital Jesus (RJ), em 1950, foi com o caráter de dar continuidade ao processo de escolarização formal para que as crianças não perdessem o ano letivo. E a partir desse marco inicial, que não era tido como uma pedagogia hospitalar e sim como escolarização da criança hospitalizada, foi que surgiu a Classe Hospitalar e também a Pedagogia Hospitalar, como um movimento alternativo para se atender às necessidades educacionais dos escolares hospitalizados, trazendo consigo um olhar sensível sobre a relação de ensino-aprendizagem ocorrido no espaço hospitalar.

Em decorrência disto, a pedagogia hospitalar traz a sugestão de que o professor trabalhe com as crianças e adolescentes enfermos atividades lúdicas de reconhecimento do espaço hospitalar, de sua doença e de si próprio, pelo menos durante as primeiras semanas de internação com o objetivo de tranquilizar essas crianças e só após esse primeiro momento, caso a criança permaneça hospitalizada por mais tempo, é que serão apresentadas atividades mais próximas das do tipo escolar, como discute Fontes (2005).

Nesse contexto, podemos perceber que a educação em hospitais oferece uma amplitude de possibilidades e de um acontecer múltiplo e diversificado, e esse acontecer não deve aprisionar-se em enquadramentos, pois quando a criança está doente, a ação do professor precisa ser bastante cautelosa para que ela não acabe se distanciando ainda mais do estudo. Por isso é que os trabalhos realizados nas classes hospitalares devem ter o perfil de desenvolver as potencialidades das crianças e não evidenciar os seus fracassos.

[o] hospital-escola constitui-se num espaço alternativo que vai além da escola e do hospital, haja vista que se propõe a um trabalho não somente de oferecer continuidade de instrução. Ele vai além, quando realiza a integração de

escolar hospitalizado, prestando ajuda não só na escolarização e na hospitalização, mas em todos os aspectos decorrentes do afastamento necessário do seu cotidiano e do processo, por vezes, traumático da internação. (MATOS; MUGIATTI, 2009, p. 73)

Portanto, a classe hospitalar vem com o objetivo de realizar um trabalho muito mais amplo e significativo para a vida da criança hospitalizada, já que ela não se detém apenas em cumprir um currículo escolar, muitas vezes, burocrático. Ela apresenta um olhar muito mais sensível sobre o escolar hospitalizado, procurando, então, atender também às necessidades sociais e afetivas juntamente com a necessidade intelectual destas crianças.

Mediação Pedagógica

É no momento em que uma criança ou adolescente encontra-se hospitalizado que se percebe como se torna importante a presença de um educador estabelecendo um elo de mediação frente à nova realidade desse escolar. O pedagogo passa a ser um vínculo fundamental existente entre a realidade da hospitalização e o contato com o que teve que ser deixado para trás – a escola. Nesse cenário, a mediação pedagógica aparece como um meio de realizar ressignificações para o escolar hospitalizado, buscando auxiliá-lo tanto na adaptação e entendimento da nova rotina quanto no acompanhamento pedagógico, segundo conceitos de mediação apontados por Vygotsky.

Desta forma, o pedagogo passa a mediar também as práticas hospitalares, como os momentos de medicações, exames, visitas, hora do banho, hora e tipo de alimentação, entre outros momentos; com o objetivo de possibilitar a construção de novos significados e compreensões por parte dessas crianças acerca da nova realidade, visto que, o atendimento nas classes hospitalares atendem também ao público de educação infantil onde essas práticas também são mediadas na escola regular e, portanto, o hospital pode ser tomado como campo de desenvolvimento e aprendizagem (FONTES, 2005 b).

Todos os momentos vividos no hospital podem tornar-se veículo para aprendizagem e desenvolvimento infantil. Vygotsky (2001, p. 109), que realizou

estudos sobre a relação existente entre desenvolvimento e aprendizagem na criança, diz que “a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar”, demonstrando que a aprendizagem não é apenas um produto da escola e que esta está presente em todos os momentos da vida do sujeito, desde o seu nascimento até o término da vida. Sendo assim, o hospital também é assumido como um campo propício à aprendizagem e desenvolvimento infantil.

As funções psicológicas superiores ou processos mentais superiores foram o principal foco de estudo de Vygotsky. Ele tinha um interesse por compreender os mecanismos psicológicos mais complexos, que são típicos do ser humano e que envolvem o controle do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo em relação ao momento e espaço presentes (OLIVEIRA, 1997, p. 26). E no período de hospitalização, a criança começa a vivenciar situações que irá requerer delas aprendizagens também relacionadas aos mecanismos psicológicos citados anteriormente como, controle das emoções e comportamento, e sobre o adoecimento e o espaço hospitalar. Um dos conceitos abordados por Vygotsky para a compreensão sobre o funcionamento psicológico, é o de mediação. Para ele, mediação é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, que deixa de ser direta e passa a ser, então, mediada por esse elemento. Desta forma, o elemento intermediário introduz um elo a mais nas relações existentes entre organismo/meio, tornando-as mais complexas (OLIVEIRA, 1997, p. 27).

Vygotsky observou que entre o homem e o mundo real existem elementos mediadores (instrumentos e signos) que servem como meios de auxiliar o sujeito a se relacionar com o mundo. Para ele, é no grupo cultural que o indivíduo se desenvolve e adquire formas diferentes de perceber e organizar a vida real, tendo como mediador da relação entre sujeito e mundo os instrumentos psicológicos. Ele também apresenta com um papel fundamental na construção do ser humano, a interação face a face entre indivíduos, pois, “é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico”. (OLIVEIRA, 1997, p. 38).

Essa interação face a face nos faz lembrar a relação existente também no processo de acompanhamento em classe hospitalar, em que o “professor” consegue reunir junto a si um grupo de crianças enfermas e estabelecer uma relação interpessoal concreta com elas e, segundo vimos, desempenhar um papel fundamental na construção do desenvolvimento do ser humano.

Assim como as relações de interação entre indivíduos favorece a construção do ser humano, Vygotsky também relaciona de modo direto o aprendizado e o desenvolvimento, como aspectos necessários e universais no processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas.

A ação mediadora existente na relação entre professor e criança, presente também na classe hospitalar, traz consigo as contribuições dessa prática, como afirma Vygotsky ao dizer que a mediação contribui para o desenvolvimento humano; além disso, ele também afirma que a aprendizagem só se dará “se dirigir o ensino, não para etapas intelectuais já alcançadas, mas sim, para estágios de desenvolvimento ainda não alcançados, funcionando como um motor de novas conquistas psicológicas” (OLIVEIRA, 1997, p.62).

Sendo assim, o pedagogo atuante em classe hospitalar tem o papel de ser “o outro social” na vida do educando enfermo e através de sua mediação estabelecer a relação de resignificado com o ambiente hospitalar no qual eles estão inseridos, adequando o modo de aprendizagem de acordo com as singularidades e especificidades de cada criança e de sua enfermidade.

O professor passa, então, a ser um dos polos de interação com o aluno, mediando às relações existentes entre este e o meio em que está inserido. Para que haja essa relação é preciso que o professor inclua em sua prática ações flexíveis, considerando o perfil de cada criança que se encontra hospitalizada e frequentando uma classe hospitalar.

Vygotsky (2001, p. 116, 117) aponta que, “o desenvolvimento da criança não acompanha nunca a aprendizagem escolar, como uma sombra acompanha o objeto que a projeta. [...] Existe uma dependência recíproca, extremamente complexa e dinâmica, entre o processo de desenvolvimento e o da aprendizagem”. Portanto, cabe ao professor estar constantemente atento, observando as relações que estão sendo desenvolvidas e seus efeitos, para

que, quando necessário, alterar a maneira de se relacionar em decorrência da demanda existente no local.

Desta forma, a mediação passa a ser um processo importante para tornar as atividades pedagógicas intencionais e controladas pelo próprio indivíduo. Assim, ao passo em que o professor conhece a realidade do aluno, ele consegue observar que desempenhos essas crianças estão tendo e as consequências destes para a situação em que se encontram. Consegue também, oportunizar os questionamentos das crianças como meio de acesso das novas aprendizagens, e estabelecer relações entre o acompanhamento pedagógico e as necessidades específicas de cada educando.

A prática do pedagogo em Classes Hospitalares

A criança ou jovem, em período de escolarização, que se encontra hospitalizado, passa por uma série de mudanças em sua vida, e uma delas é o afastamento do ambiente escolar; portanto, essa criança ao se ausentar da escola, estará interrompendo os vínculos afetivos, sociais e educacionais que este ambiente lhe proporciona. Com isso, ela estará não apenas fragilizada em relação a sua saúde como também suscetível ao fracasso escolar.

Partindo dessas situações é que o poder público estabeleceu como direito a Classe Hospitalar, que é uma modalidade educacional alternativa de manutenção escolar para as crianças e/ou jovens educandos em período de internação hospitalar, visando prevenir a reprovação e a evasão escolar regular, portanto, servindo como meio para a reintegração do escolar hospitalizado ao sistema regular de ensino (FONSECA, 1999, p. 33a).

Mas, mesmo sendo assegurada por lei esta modalidade educacional, poucas são as crianças que têm esse direito respeitado, pois segundo Fonseca (1999, p. 121b), no nosso país o número de hospitais com Classe Hospitalar era de “um total de 30 hospitais no Brasil que conta com atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados”; estes dados estão mais atuais, segundo artigo da revista Nova Escola (Bibiano, 2009, p.83) de um total de 8000 hospitais existentes no Brasil, apenas 850 instituições ofereciam esse serviço na época; o que ainda é muito pouco.

Toda criança e adolescente hospitalizado tem o direito a dar continuidade à sua escolaridade, mesmo hospitalizado e essa oportunidade contará com uma importante e positiva interferência na visão que elas podem ter de si mesmas, de sua doença, de seu desenvolvimento escolar e de seus papéis sociais.

Dispor de atendimento de classe hospitalar mesmo que por um tempo mínimo (e que talvez pareça não significar muito para uma criança que atende à escola regular) tem caráter importantíssimo para a criança hospitalizada. Esta pode operar com suas expectativas e dúvidas, produzir conceitos e produtos subjetivos de forma positiva, tanto para a vida escolar quanto para a vida pessoal, desvinculando-se, mesmo que momentaneamente, do conteúdo penoso ou de dano psíquico que o adoecimento ou a hospitalização podem provocar. (FONSECA, 1999, p. 34a)

É aqui que entra o papel do professor como mediador entre a criança e a sua nova realidade, a criança e suas possibilidades tanto intelectuais quanto pessoais. O professor tem um papel fundamental nesse novo cenário na vida do escolar hospitalizado, avaliando, acompanhando, intervindo no processo de aprendizagem.

Esse professor atuante em Classe Hospitalar necessita desenvolver a sensibilidade, o tato necessário ao estabelecer um primeiro contato com essa criança, suas atitudes precisam sempre respeitar o tempo e o espaço de cada uma. As práticas pedagógicas deste profissional necessitam ter como princípio a flexibilidade e serem organizadas considerando-se a individualidade de cada escolar.

Porém, o papel do pedagogo hospitalar vai além das práticas pedagógicas e orientações educacionais. Como afirma Fontes (2005, p. 26 e 27b), o professor precisa também ser um pesquisador em sua área, ou seja, ele precisa estar constantemente pensando, refletindo, investigando, produzindo conceitos. Ele precisa, ainda, estar envolvido nas questões de saúde, como verificar prontuário médico, pesquisar sobre as enfermidades que acometem seus alunos, para que assim possa explicar para a criança sobre a nova rotina que ela terá que seguir, além de poder auxiliar os pais nas possíveis dúvidas sobre o tratamento de seus filhos.

Portanto, as atividades da Classe Hospitalar devem seguir uma ordem que vá além da prática educacional da escola regular, precisam haver momentos de aprendizagem acompanhados de momentos lúdicos e recreativos que ajudem as crianças a alcançar o desenvolvimento acadêmico, bem como de seu estado de saúde.

Se o professor tem uma experiência de escola, sabe até onde pode ir com a recreação e a partir de onde deve desenvolver um trabalho de cunho mais educacional. É isso que marca o papel do professor no hospital: trazer a educação para tudo, aproveitando qualquer motivo, qualquer movimento da criança, desde a hora das rotinas hospitalares, como o almoço, o café da manhã, a visita, até a hora de a criança fazer um exame ou ir ao banheiro. Tudo isso pode ser pedagógico, e é isso que marca o trabalho do professor no hospital. (FONTES, 2005, p. 26b)

Sendo assim, é necessário que o pedagogo atuante em Classe Hospitalar tenha tido certa experiência escolar, pois ele saberá como melhor planejar as atividades de forma a aproveitar todo tipo de vivência contida no ambiente hospitalar para trazer à criança enferma hospitalizada possibilidades de aprendizagens que ultrapassam o caráter intelectual e que se ampliem para aprendizagens de vida.

Metodologia

O presente estudo traz como metodologia a pesquisa bibliográfica, que, como afirma Malheiros (2007, p. 81), tem como finalidade de “[...] identificar na literatura disponível as contribuições científicas sobre um tema específico”. Esta modalidade de pesquisa é de cunho qualitativo, descritivo e tem como característica fundamental localizar o que já foi produzido em diversas fontes, confrontando os resultados (p. 81).

Para a presente pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a produção científica relacionada à pedagogia hospitalar, mais precisamente, sobre classe hospitalar. Pretendeu-se com este levantamento investigar as práticas dos pedagogos em classes hospitalares, buscando verificar as

naturezas e os tipos de mediações pedagógicas realizadas por este profissional em classes hospitalares.

A pesquisa foi realizada por meio de busca eletrônica das produções científicas na base de dados do Google Acadêmicos e Scielo com os descritores Pedagogia Hospitalar e Classe Hospitalar. Buscou-se fazer um levantamento de material bibliográfico entre os anos de 2000 a 2012 que abordasse a temática de estudos de caso sobre a prática do pedagogo hospitalar em classes hospitalares no Brasil. Realizou-se esse recorte temporal, buscando obter literaturas mais atuais sobre a temática escolhida para análises da pesquisa. Este levantamento foi realizado entre os meses de janeiro e fevereiro/2013.

Durante o processo de busca foram encontrados 30 publicações inicialmente, que foram inseridos na Planilha 1 (Apêndice A) e organizados por: título, autor, ano e gênero. Também foram encontradas literaturas produzidas em Pernambuco, porém, a maioria das temáticas não atendiam as necessidades da pesquisa.

Partindo desta seleção, foram encontradas 5 publicações que se enquadram no perfil de seleção do material bibliográfico citado anteriormente. Porém, destas 5 obras, selecionaram-se apenas duas para um estudo mais pormenorizado das classes hospitalares, aqui chamadas de Classe A e Classe B. A escolha destas duas obras, sustentou-se nos seguintes critérios: localização das classes hospitalares (uma na região sul e outra da região nordeste do país); uma das obras escolhidas é a que mais se aproxima do perfil da escuta pedagógica citada por Fontes (2005) e outra foi escolhida por trabalhar de maneira mais conteudista, aproximando-se mais de uma prática pedagógica de escola regular; e as obras selecionadas eram do gênero de artigo científico e trabalho de conclusão de curso (TCC).

Para análise qualitativa dos dados, tomou-se como referência categorias de análise que foram definidas em três, são elas: o trabalho do pedagogo hospitalar, a dinâmica da classe hospitalar e a mediação pedagógica na classe hospitalar.

Resultados e discussões

- Situando e caracterizando as Classes Hospitalares

Foram analisadas duas classes hospitalares: a primeira, relatada por Paula (2007), atendia crianças na faixa etária de 06 a 12 anos, com patologias diversas e de culturas variadas. As classes eram multisseriadas e na maioria das vezes as aulas eram realizadas nas salas de aula, as classes eram multisseriadas, com professor polivalente.

A outra classe hospitalar observada por este estudo, relatada por Campos, Gonçalves, e Baptistela (2009); atende a crianças da educação infantil ao ensino fundamental, com a realização de aulas que ocorriam de segunda a sexta-feira entre 14 h a 17 h. A turma se dividia em educação infantil, assistida por 1 pedagoga e 1 voluntária, e ensino fundamental assistida por 1 pedagoga; e na sala de aula estavam presentes elementos que buscavam lembrar uma sala de aula tradicional.

A primeira classe hospitalar descrita localiza-se em hospital público do estado do Paraná e a segunda, localiza-se em uma instituição de assistência a crianças com câncer no estado de Pernambuco.

- O trabalho do pedagogo hospitalar

Realizou-se as análises do trabalho do pedagogo hospitalar nos estudos que descrevem estas classes hospitalares. Com as análises percebe-se que o trabalho do pedagogo hospitalar é complexo por diversas situações: as classes hospitalares atendem a um público diverso quanto a patologias, culturas, local de origem, faixas etárias e tempo de escolaridade; como mostra Campos, Gonçalves e Baptistela (2009), ao ressaltar a heterogeneidade que também ocorre na classe escolar.

A diversidade encontrada nas classes hospitalares favorece a socialização e a convivência das crianças e adolescentes com o outro, contribuindo para o aprendizado do convívio em grupo e respeito ao próximo e às diferenças existentes na própria sociedade; além de aprenderem sobre si, suas enfermidades, a vida e a morte.

Observa-se que a frequência dos educandos nas classes hospitalares também é muito instável, como é descrito por Campos, Gonçalves e Baptistela, que mostram, no relato que apresentam, a presença de apenas 4 alunos numa das aulas observadas pelas autoras.

Outro fator que torna o desenvolvimento do trabalho do pedagogo hospitalar complexo, refere-se ao primeiro contato com os alunos e seus familiares, pois, é necessário conhecer suas escolaridades, tempo de internação, relação com a escola de origem, endereço, contatos, dados pessoais, enfim, tudo o que venha contribuir para identificação do perfil deste aluno, como ambos os estudos salientam.

De todas essas questões apuradas, também vale a pena ressaltar a questão dos recursos materiais, pois, nem todas as classes hospitalares contam com o apoio das Secretarias de Educação local ou de escolas públicas vizinhas, como a classe hospitalar relatada por Paula (classe A), em que a professora, para diversificar o tipo de material utilizado, trazia-o de sua casa, o que não foi explicitado no relato da classe hospitalar B, descrita por Campos, Gonçalves e Baptistela, que conta com o apoio de uma escola pública vizinha.

- Dinâmica da Classe Hospitalar

Continuando com as observações, verificou-se que as classes hospitalares em estudo divergiam, em algumas situações, na relação das suas práticas no processo educativo e pedagógico.

Na classe A, relatada por Paula, a professora revia seus planejamentos e os readaptava para as situações do momento, não havia na sala de aula hospitalar a questão disciplinadora que ocorre na escola, na maioria das aulas os trabalhos eram desenvolvidos em pequenos ou grandes grupos. Havia, por parte da professora, a disponibilização de materiais diversos para a utilização nas atividades como revistas, letras de músicas, artigos de jornais e atividades xerocadas; eram realizados trabalhos manuais e artísticos como artes plásticas, teatro, música e vídeo.

Além de todas essas questões que ocorriam nas aulas, a professora procurou desenvolver seu projeto pedagógico a partir das necessidades e questionamentos dos alunos.

Segundo Fontes (2005, p. 124a), “durante o tempo de hospitalização, o volume de informações que a criança e seus acompanhantes estão submetidos precisa ser trabalhado de modo pedagógico num contexto de atividades de socialização...”.

No processo educativo e pedagógico desta classe, como mostra Paula (2007, p. 167), “a proposta era baseada na pedagogia de projetos”, há o relato que o primeiro projeto foi denominado “Viagem pelo corpo humano”, que surgiu da curiosidade das crianças em relação a suas enfermidades e, com o passar dos anos, os projetos foram desenvolvidos visando complementar os anteriores. Desta forma, eram trabalhados também temas como cidadania e formação social do sujeito.

Já a classe B, mostrada por Campos, Gonçalves e Baptistela, refere-se inicialmente para a divisão de duas turmas, educação infantil e ensino fundamental, ambas com atividades no mesmo espaço de sala de aula, porém, com professoras diferentes.

Nas aulas de educação infantil, observa-se que a professora procura adaptar seu planejamento de acordo com a necessidade do aluno e procura organizar a rotina em momentos (acolhimento, contação de histórias, atividade do dia), assumindo também uma postura lúdica e pedagógica, “visando relaxar as crianças antes de iniciar as atividades pedagógicas” (CAMPOS, GONÇALVES e BAPTISTELA, 2009, p. 14).

Mesmo contendo momentos de ludicidade nas aulas de educação infantil, a prática da professora não se distancia muito das que ocorrem numa sala de aula de uma escola regular, pois, as atividades que são realizadas, de acordo com o que é descrito no estudo, são voltadas para o processo de escolarização e reforço dos conteúdos de séries iniciais, como as vogais, consoantes, alfabeto, numerais, entre outros.

Nas aulas de ensino fundamental, observa-se um desenvolvimento do trabalho pedagógico de forma conteudista e tradicional, pois a professora procura apoiar seu trabalho no acompanhamento dos conteúdos pelo livro didático dos próprios alunos, buscando dar continuidade ao processo de escolarização como Fonseca aponta ser uma das contribuições das classes hospitalares.

“O atendimento pedagógico-educacional hospitalar contribui para a reintegração da criança hospitalizada na sua escola de origem ou para seu encaminhamento a matrícula após a alta [...] (FONSECA, 1999, p. 33b)”.

Além da utilização do livro didático, a professora também realiza atividades complementares às da escola de forma individual, deixando as atividades coletivas para as aulas de artes.

Mesmo que a dinâmica da classe hospitalar B reflita um modelo tradicional e conteudista, aproximando-se mais da rotina da classe de uma escola regular, ainda assim, as professoras demonstram preocupação em prestar a assistência educacional aos seus alunos de forma mais particular, visando atender as suas necessidades e especificidades.

- Mediação pedagógica nas classes hospitalares

Ao se observar a classe hospitalar A, percebe-se que o cuidado que a professora tinha em relação ao atendimento das necessidades das crianças que participavam da classe era constante. Todos os momentos eram tidos como oportunidade de aprendizado e mediação por parte da professora.

Definir especificamente como era realizada essa mediação é uma tarefa difícil, pois, como mostra Paula (2007), algumas situações corriqueiras do cotidiano hospitalar tornavam-se “elementos silenciosos” de aprendizagem na vida dessas crianças. Por exemplo, a presença de um simples relógio na parede da sala de aula hospitalar, que trazia consigo um significado particular para cada criança, como o aguardo da alta médica, a hora de algum procedimento médico e/ou cirúrgico, o retorno de um amigo.

Na maioria das aulas, a professora buscava realizar os trabalhos em círculos ou em grupos, facilitando, portanto, a relação de aprendizagem em grupo. A professora buscava discutir questões que envolvem o cuidado com bens coletivos, responsabilidade, cidadania, as enfermidades, os direitos das crianças e adolescentes.

Nesses debates, a professora aproveitava para sensibilizar as crianças e adolescentes a exporem nos diálogos suas angústias, medos, sonhos e desejos, dando-lhes a oportunidade de falar e serem ouvidos também.

Demonstrando, portanto, sua disponibilização em dar atenção ao outro, que neste caso é o escolar enfermo hospitalizado.

“O ofício do professor no hospital apresenta diversas interfaces (política, pedagógica, psicológica, social, ideológica), mas nenhuma delas é tão constante quanto a disponibilização de estar com o outro e para o outro. (Fontes, 2005, p. 123^a)”

Como veículo de mediação, a professora priorizava o diálogo, a reflexão, a escuta; porém, em alguns momentos ela também agia de maneira mais direta na indução de algumas respostas das crianças. Em geral, a professora conduzia seu trabalho de forma a levar as crianças a refletirem sobre suas condições sociais, econômicas e de existência, auxiliando-lhes a “pensarem sobre uma atuação crítica, responsável, democrática e solidária na sociedade”. (Paula, 2007, p. 162)

A professora também oportuniza a fala das crianças, ouvindo-as quando algo as aflige e reinventando sua prática para atender às necessidades dos seus alunos para amenizar suas angústias.

Na classe hospitalar B, a professora responsável pela turma de educação infantil, buscava utilizar o lúdico como meio para a mediação entre os conteúdos pedagógicos e a situação de enfermidade das crianças. Ela também procurava utilizar histórias como facilitadora dos diálogos nas aulas.

Entretanto a professora responsável pelo ensino fundamental, da classe B, apoiava-se nos conteúdos escolares para sua prática. Ela buscava mediar os momentos de aprendizagem de forma mais individual, auxiliando os alunos na compreensão dos conteúdos acadêmicos.

As aulas são conduzidas de forma expositiva e a atenção da professora é voltada para o momento de aprendizagem conteudista. As mediações realizadas são em relação ao processo de escolarização e continuidade dos estudos, que é uma das contribuições apontadas por Fonseca.

“O atendimento pedagógico-educacional hospitalar contribui para a reintegração da criança hospitalizada na sua escola de origem [...]” (Fonseca, 1999, p. 33b).

Assim, as práticas e mediações realizadas na classe hospitalar B, tem como objetivo promover o desenvolvimento cognitivo visando contribuir para a diminuição do fracasso escolar.

Considerações Finais

O hospital também é um espaço propício à educação. Este local tem se mostrado um campo amplo de atuação do pedagogo no acompanhamento pedagógico-educacional à crianças e adolescentes enfermos que tem direito tanto ao cuidado com a saúde quanto com a educação.

A partir dos objetivos pretendidos que foram: investigar, através da literatura levantada entre os anos de 2000 a 2012, as práticas dos pedagogos em classes hospitalares buscando verificar as naturezas e os tipos de mediações pedagógicas realizadas por esse profissional para favorecer o aprendizado da criança em classes hospitalares; identificar e caracterizar a prática do pedagogo atuante em classes hospitalares nos textos pesquisados; e analisar a natureza e os tipos de mediações pedagógicas realizadas pelo pedagogo hospitalar, em classes hospitalares nos textos pesquisados; percebeu-se que: é por meio da atuação do pedagogo nas classes hospitalares que as crianças enfermas passarão a compreender a rotina hospitalar, sua enfermidade e limitações, bem como sobre si mesmas e sobre o outro.

E que essa prática pedagógica hospitalar não é uma tarefa fácil, assim como também não é em outros espaços educacionais, incluindo a escola. O pedagogo, portanto, precisa estar atento às necessidades dos educandos, às diferenças entre os indivíduos e às diversas situações que vão se alterando no decorrer das aulas.

Não temos como estabelecer um padrão a ser seguido como modelo para o desenvolvimento do trabalho de mediação pedagógica nas classes hospitalares, pois, cada uma delas trará consigo uma proposta pedagógica que estará buscando atender às necessidades de seu público. Assim, as mediações pedagógicas podem ocorrer de diversas formas dependendo da classe hospitalar e do pedagogo atuante, ora voltada para a escuta pedagógica

como propões Fontes (2005), ora voltada para o processo de escolarização e continuidade dos estudos como observa Fonseca (1999).

O que não podemos negar é que esse atendimento educacional contribui muito para a aprendizagem e desenvolvimento infanto-juvenil, nos mais variados aspectos como o entendimento sobre a vida e a morte, sobre sua condição social, sobre si mesmo e o outro.

Sendo assim, a atuação do pedagogo em classes hospitalares faz-se necessário, pois, propicia às crianças enfermas o conhecimento de sua nova realidade, bem como auxilia-as no processo de reabilitação ao promover nas aulas um momento de alívio da dor, das dúvidas e das ansiedades.

Alguns questionamentos ainda ficam a ser respondidos como: para os pais e acompanhantes quais as melhoras que as crianças apresentam ao frequentarem as classes hospitalares? Como o hospital e os profissionais de saúde percebem esse acompanhamento pedagógico-educacional a crianças e adolescentes hospitalizados? Como é desenvolvido o trabalho pedagógico nas classes hospitalares existentes em nosso Estado (Pernambuco)? Todas essas questões ficam como propostas para o desenvolvimento de pesquisas posteriores na temática de pedagogia hospitalar e classe hospitalar.

Referências

BIBIANO, Bianca. Ensino nas horas difíceis. Revista *Nova Escola*. Março, 2009, p. 80 a 83. Disponível em www.ne.org.br. Acesso em: 22 jan. 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007. Coleção primeiros passos; 20.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. *Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado*. Resolução nº 41 de outubro de 1995.

_____. Ministério da Educação. *Classe hospitalar e o atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações*. / Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC, SEESP, 2002.

_____. Ministério da Educação. *Conceitos de Educação Especial: censo escolar*. / Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC, SEESP, 2008.

_____. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394*. Brasília: MEC, 1996.

CAMPOS, Andreza de; GONÇALVES, Jaqueline; BAPTISTELA, Ana Cristina. *Ensino nas horas difíceis: um estudo sobre escolarização de crianças em situação hospitalar*. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. UFPE – PE, 2009.

FONSECA, Eneida Simões. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 25, nº 1, p. 117-129, jan./jun. 1999.

_____. Classe Hospitalar: ação sistemática na atenção às necessidades pedagógicas-educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados. *Temas sobre desenvolvimento*. Rio de Janeiro, v. 8, nº 44, p. 32-37, 1999.

FONTES, Rejane. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. *Revista Brasileira de Educação*, nº 29. Rio de Janeiro, maio/agosto 2005. Disponível: www.scielo.br. Acesso em: 02 nov. 2011.

_____. O desafio da educação no hospital. *Revista Presença Pedagógica*, v. II, ano XI, nº 64. Editora Dimensão: Belo Horizonte, julho/agosto 2005.

GHIRALDELLI, Paulo, Jr. *O que é pedagogia*. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção primeiros passos; 193.

MALHEIROS, Bruno Taranto. *Metodologia da Pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: LTC, 2011, 2 ed, p. 81 a 85.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. *Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde*. 4. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MUNHÓZ, Maria Alcione; ORTIZ, Leodi Conceição Meireles. Um estudo da aprendizagem e desenvolvimento de crianças em situação de internação hospitalar. *Revista Educação: Pessoa, Saúde e Educação*, nº 1 (58), ano XXIX, p. 65-83. Editora PUC, Porto Alegre – RS, janeiro/abril 2006.

OLIVEIRA, Marta K. de. *Vygotsky aprendizado e desenvolvimento; um processo sócio histórico*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PAULA, Ercília Maria de. O ensino fundamental na escola do hospital: espaço de diversidade e cidadania. *Revista Educação Unisinos*, nº 3, v. 11, setembro/dezembro 2007, p. 156-164.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Tradução: Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2001, cap. 6, p. 103-117.

Anexos

Planilha 1

Titulo	Autor (es)	Ano	Gênero
A educação como proteção integral para crianças e adolescentes hospitalizados.	Paula, Ercília Maria Angeli Teixeira de.	2004	Artigo Científico
A prática pedagógica em uma enfermaria pediátrica: contribuições da classe hospitalar a inclusão desse alunado	Barros, Alessandra Santana.	1999	Artigo Científico
A reinvenção da escola a partir de uma experiência instituinte em hospital.	Fontes, Rejane de Souza.	2004	Artigo Científico
A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar.	Fonseca, Eneida de Simões.	1999	Artigo Científico
Atendimento educacional em escolas hospitalares: uma experiência nas obras sociais Irmã Dulce.	Carvalho, Andréia Rocha Ventin de; Jesus, Generosa França Ribeiro Neta de; Evangelista, Jacyara Coy Souza; Silva, Maria Celeste Ramos da.	2006	Monografia
Atendimento pedagógico-educacional hospitalar: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada.	Fonseca, Eneida Simões da; Ceccim, Ricardo Burg.	1999	Artigo Científico
Atendimento que inspira cuidados.	Oliveira, Cida de; Fernandes, Thiago; Sousa, Tatiane de.	2007	Artigo Científico
Classe Hospitalar e Escola Regular: tecendo encontros.	Darela, Maristela Silva.	2007	Dissertação de Mestrado
Classe Hospitalar: ação sistemática na atenção as necessidades pedagógicas-educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados.	Fonseca, Eneida Simões	1999	Artigo Científico
Classe Hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente	Ceccim, Ricardo Burg.	1999	Artigo Científico

hospitar.			
Construção e funcionamento de uma classe hospitalar: a experiência do hospital infantil Joana de Gusmão	Darela, Maristela Silva; Linheira, Caroline Zabendzala; Silveira, Rosangela B. S.; Geremias, Tania Maria F.; Rodrigues, Valéria.	2003	Anais
Da classe á pedagogia hospitalar: a educação para além da escolarização.	Fontes, Rejane de Souza.	2008	Artigo Científico
Ensinar e aprender com as classes hospitalares.	Evangelista, Jacyara Coy Souza.	2009	Artigo Científico
Ensino nas horas difíceis: um estudo sobre escolarização de crianças em situação hospitalar.	Campos, Andreza de; Gonçalves, Jaqueline; Baptistela, Ana Cristina.	2009	TCC
Estudar não dói.	Mariniello, Silvana.	2002	Artigo Científico
Experiências de ensino, pesquisa e extensão no setor de pedagogia do HIJG.	Cardoso, Terezinha Maria.	2007	Artigo Científico
Formação de professores na perspectiva inclusiva: uma ação pedagógica em classe hospitalar no setor de pediatria do Hospital Universitário de Brasília.	Funghetto, Suzana Sckwerz; Soares, Marlene da Silva.	2003	Artigo Científico
Intervenção psicopedagógica em classes hospitalares: uma alternativa de atendimento.	Couto, Janaina Martins.	2004	Monografia
O currículo em uma classe hospitalar: estudo de caso no Albergue Pavilhão São José na Santa Casa de Misericórdia do Pará.	Olanda, Osterlina Fátima Jucá.	2006	Dissertação de Mestrado
O desenvolvimento organizacional da classe hospitalar do Hospital Universitário de Santa Maria: uma abordagem etnográfica.	Zardo, Sinara Pollom; Freitas, Soraia Napoleão.		TCC

O ensino fundamental na escola do hospital: espaço de diversidade e cidadania.	Paula, Ercília Maria de.	2007	Artigo Científico
O papel da educação no hospital: uma reflexão com base nos estudos de Wallon e Vigotski.	Fontes, Rejane de Souza; Vasconcelos, Vera Maria Ramos de.	2007	Artigo Científico
O papel e o alcance da percepção subjetiva na dinâmica de trabalho de professoras de classes hospitalares da cidade de Salvador/Bahia	Barros, Alessandra; Taíse, Maria Sousa.		TCC
O significado da prática pedagógica no contexto hospitalar.	Gil, Juliana Darllami; Paula, Ercília Maria de; Marcon, Andressa.	2001	Artigo Científico
Pedagogia Hospitalar: a educação no leito oferecida as crianças internadas no Hospital Infantil da Zona Leste de Manaus.	Silva, Jacilene Maria da Conceição; Menezes, Maria Roseane Gonçalves de; Carvalho, Julis Mourão de; Santos, Jezidalva Costa; Carvalho, Rosilene Marques de.	2008	Artigo Científico
Pedagogia Hospitalar: acompanhamento pedagógico em ambiente não escolar junto ao Grupo de Apoio a Criança com Câncer – GACC.	Freire, Luciane Soraia Carmo dos Santos; Miranda, Vanúbia Almeida de; Oliveira, Katiania Barbosa de; Nascimento, Maria Rosemi Araújo do.		TCC
Procurando manter o equilíbrio para atender suas demandas e cuidar da criança hospitalizada: a experiência da família.	Pinto, Júlia Peres; Ribeiro, Círcea Amália; Silva, Conceição Vieira.	2005	Artigo Científico
Reflexão sobre a Pedagogia Hospitalar em alguns hospitais da cidade do Recife: em respeito a educação da criança e do adolescente.	Silva, Milena Lopes da; Reis, Priscila de Sousa Amazonas; Baptistela, Ana Cristina.	2009	TCC
Saberes para atuação docente hospitalar: um estudo com pedagogas que atuam em hospitais de Santa Catarina.	Goldmann, Fabiana de Oliveira.	2010	Dissertação de Mestrado